

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DO DHI/UFS DURANTE A DÉCADA DE 2010: CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES

DHI / UFS HISTORIOGRAPHIC PRODUCTION DURING THE DECADE OF 2010: CHARACTERISTICS AND POSSIBILITIES

José Lucas Vilas-Boas Oliveira¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo fazer um levantamento da produção historiográfica sobre Sergipe realizada na década de 2010 pelo Departamento de História (DHI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), tendo como base de dados o Repositório Institucional da UFS (RIUFS) e o site do Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS) da UFS. Como base da sistematização dos resultados angariados durante a pesquisa bibliográfica, foram utilizadas produções sobre a história da historiografia sergipana, como textos de Samuel Albuquerque (2016), Itamar Freitas (2002; 2007), José Calasans Brandão da Silva (1992), Ibarê Dantas (2014) e Antônio Fernando de Araújo Sá (2008). As informações adquiridas pela pesquisa foram organizadas em tipos e temáticas, além de comparadas quantitativamente com a produção geral do DHI, a fim de compreender o padrão produtivo da historiografia sergipana contemporânea da instituição. Assim, torna-se possível estabelecer características gerais e possibilidades para a pesquisa histórica de Sergipe.

Palavras-chave: Historiografia sergipana. História de Sergipe. Revisão bibliográfica.

ABSTRACT: This article aims to survey the historiographical production on Sergipe carried out in the decade of 2010 by the Department of History (DHI) of the Federal University of Sergipe (UFS), using the UFS Institutional Repository (RIUFS) and the UFS Graduate History Program (PROHIS) website. As a basis for systematizing the results obtained during the bibliographic research, productions on the history of Sergipe's historiography were used, as texts by Samuel Albuquerque (2016), Itamar Freitas (2002; 2007), José Calasans Brandão da Silva (1992), Ibarê Dantas (2014) and Antônio Fernando de Araújo Sá (2008). The information acquired by the research was organized into types and themes, in addition to being quantitatively compared with the general production of DHI, in order to understand the productive pattern of the institution's contemporary Sergipe historiography. Thus, it becomes possible to establish general characteristics and possibilities for historical research in Sergipe.

Keywords: Sergipe's historiography. History of Sergipe. Literature review.

INTRODUÇÃO

A História, assim como sua escrita, não é imutável. No âmbito do estudo da História, faz-se necessária a abordagem do processo de desenvolvimento das historiografias, a fim de perceber padrões de época, identificar influências externas, contextualizar historicamente e delinear possíveis caminhos a serem tomados. O historiador, em sua prática científica, lida com a relação das duas realidades da historiografia: enquanto realidade conhecida, o resultado da

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-graduando em Teologia e História das Religiões pelo Centro Universitário FAVENI. Membro do Grupo de Estudos da Cabala (CNPq/UFS). E-mail: joselucasvbo11@gmail.com

análise - o que é estudado, compreendido ou retomado do passado - e enquanto o que é implicado pela ciência, o seu postulado - o contexto da problemática estudada, procedimentos, modos de compreender, prático do sentido (CERTEAU, 1982, p. 40). A evolução da ciência histórica necessita da reavaliação dessas relações entre resultados e postulados, visto que é através da crítica que a abordagem se adapta a novas realidades e novos contextos.

Considerando a História como um objeto social de recuperação, análise e interpretação do passado para entendimento do presente, a História local surge como uma forma de reconstrução da organização histórica de um grupo específico situado em um espaço determinado (LACOMBA, 2008, p. 456). Da mesma forma que a História local se subdivide em períodos a fim de determinar diferentes fases de uma sociedade, a periodização faz-se importante no contexto da história da historiografia de uma região, com o objetivo de avaliar os processos intelectuais envolvidos na produção historiográfica que impactam no contexto geral de um determinado momento. Periodizar, afinal, é adaptar o tempo intelectualmente instrumentalizado – o tempo histórico – ao tempo-calendário, essencial a indivíduos e historiadores por relacionar o tempo vivido, individual e subjetivo, ao tempo cósmico, da natureza. (REIS, 2012).

Nos estudos da historiografia sergipana, alguns autores despontaram com produções acerca da periodização e evolução do fazer historiográfico local, estabelecendo fases, temas e abordagens que ajudam a guiar o profissional da História no desenvolvimento de seu trabalho e na compreensão de suas bases teóricas. Dado que a Universidade Federal de Sergipe, através de seu Departamento de História, é uma das instituições mais importantes na historiografia do estado, surgiu a ideia de fazer um levantamento quantitativo das produções que versam sobre o tema realizadas durante a década de 2010, a fim de perceber qual está sendo o atual direcionamento dos estudos históricos locais nos dias atuais. Devido aos empecilhos logísticos ocasionados pela situação de pandemia de Covid-19, a pesquisa bibliográfica foi realizar através da Repositório Institucional da UFS. Isso poderia explicar a possível falta de algum trabalho acadêmico realizado durante esse período e não disponibilizado virtualmente.

1. AS FASES DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA

Entre 1972 e 1973, surgem os estudos pioneiros sobre o percurso das produções historiográficas de Sergipe, encabeçados pelo trabalho seminal do bacharel em Direito José Silvério Leite Fontes, em *Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe*

(ALBUQUERQUE, 2016). Nesse texto, Fontes define a historiografia sergipana como “obra dos filhos da Província e versando sobre sua terra natal” (FONTES, 1972, p. 4 apud ALBUQUERQUE, 2016, p. 39), incluindo nesse rol intelectuais naturais de outros estados que viveram em Sergipe e estudaram sobre seu passado. Para o autor, o marco inicial da historiografia local foi ocasionado por Felisbello Freire, que escreveu *Historia de Sergipe* (1891), dando início ao que chamou de “surto historiográfico”, fruto de “influências culturais estrangeiras, recebidas pelos estudantes sergipanos que frequentam os meios universitários de Recife, Bahia e Rio de Janeiro, ou transmitidas por eles aos radicados em Sergipe” (FONTES, 1972, p. 4 apud ALBURQUERQUE, 2016, p. 40).

Fontes estabelece uma divisão tripartite da historiografia sergipana. A primeira fase iria do início da década de 1890 até o fim da década de 1920; a segunda duraria de finais dos 1920 a finais dos 1950; e a terceira seria a partir do começo da década de 1960. Na primeira fase, ocorre o já citado “surto historiográfico” local, com a contribuição do trabalho de Felisbello Freire e a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em 1912, instituição responsável por contribuir com os estudos históricos sergipanos, fomentar a produção e circulação do conhecimento local e servir de casa aos intelectuais alocados em terras sergipanas. A segunda fase seria definida como um período de decadência dos estudos históricos e descrédito na criatividade dos acadêmicos do passado de Sergipe; apesar disso, autores como Sebrão Sobrinho, Epifânio da Fonseca Dórea, Philadelpho Jonathas de Oliveira, João Dantas Martins dos Reis, Felte Bezerra e José Calasans trariam grandes contribuições à historiografia local, mas, na visão de Fontes, esse grupo atinha-se demasiadamente aos arquivos e fatos isolados, depreciando os estudos anteriores mais preocupados com a teoria e metodologia histórica. Na última fase, ocorreria uma retomada e transformação da historiografia local com a fundação da Universidade Federal de Sergipe. Para Silvério Fontes, a perspectiva local, que havia sido abandonada, é recuperada devido à possibilidade dos professores da UFS poderem dedicar-se mais à pesquisa e à docência, mantendo contato e cooperando entre si. Dessa época, cita autores como Acrísio Tôrres Araújo e J. Pires Wynne, avaliados como autores que não trouxeram nada de novo, e Jackson da Silva Lima, considerado um estudioso promissor da cultura do passado sergipano.

O intelectual itabaianense Vladimir Souza, com seu livro *Santas Almas de Itabaiana Grande* (1973), também seria um dos pioneiros na história da historiografia sergipana. A sua análise apresentou várias semelhanças com a visão de Silvério Fontes. O que muda é que, ao contrário deste último, Souza ressalta a importância do segundo livro de

Felisbello Freire, *Historia territorial do Brazil* (1906), ausente na explanação de Fontes. Além disso, Souza também resgata historiadores esquecidos pelo seu antecessor, como Clodomir Silva, critica a peleja intelectual entre sergipanos e baianos com devido à questão dos limites dos estados, e atenta-se aos estudos sobre os municípios sergipanos, que, apesar de mais memorialísticos, apresentavam um primeiro passo para as produções desses locais. Ainda que Souza apresentasse semelhanças com Fontes em seu trabalho, essa troca de informações entre ambos é improvável, tendo em vista que o trabalho do itabaianense foi concluído no início de 1972, antes da publicação da produção de Silvério Fontes nos *Cadernos da UFS* (ALBUQUERQUE, 2016).

Apesar dos dois autores serem os primeiros nesse campo de estudo, foi o trabalho de José Calasans Brandão da Silva que se tornou a principal referência em história da historiografia sergipana com *Introdução ao estudo da historiografia sergipana* (1973). Nesse trabalho, diferente de seus contemporâneos, ele propõe uma divisão quadripartite da historiografia local, considerando as memórias de Carlos César Burlamaque, as crônicas de Antônio José da Silva Travassos – *Apontamentos históricos e topográficos sobre a Província de Sergipe* (1875) – e Marcos Antônio de Souza – *Memória sobre a Capitania de Serzipe* (1877) – e as referências a Sergipe na bibliografia histórica nacional até o início do século XIX como a primeira fase da historiografia sergipana. A segunda fase se dá a partir de 1891 com a obra de Felisbello Freire, trazendo a influência da Escola de Recife para as terras sergipanas, tendo também como representantes Manuel dos Passos, Nobre de Lacerda, Padro Sampaio, Laudelino Freire e Baltazar Goes (SILVA, 1992).

A terceira fase ocorre com a fundação do IHGSE em 1912, com um aumento na produção intelectual local, o debruçamento sobre a questão dos limites com a Bahia, o incentivo à congregação dos estudiosos locais e a introdução de novos valores cientificistas, mas ligados ao contexto republicano (DANTAS, 2014). Nessa fase, Silva destaca Carvalho Lima Júnior, Armindo Guaraná, Elias Montalvão, Costa Filho, João de Matos, Clodomir Silva, Enock Santiafo, Manoel dos Passos, Pereira Barreto e Ivo do Prado. A terceira fase entra em declínio na década de 1930, quando a Revista do IHGSE deixa de circular durante uma década, retornando em 1939 por ocasião do centenário de Tobias Barreto. Nesse momento, que marca a quarta fase da historiografia sergipana, destacam-se Epifânio Dória, José Calasans, João Dantas Martins dos Reis, Felte Bezerra, Sebrão Sobrinho, José Augusto da Rocha Lima e José Amado do Nascimento. É também na década de 1940 que aparece a Revista de Aracaju, de Mário Cabral e Fernando Porto, com a *Coleção Estudos Sergipanos*, que traz um novo rumo

aos estudos históricos locais e influencia o Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para o qual José Calasans acreditava que passaria “o bastão de comando da historiografia regional” (SILVA, 1992, p. 32). Nesse período, os trabalhos de Zózimo Lima, Maria Thétis Nunes, Freire Ribeiro, Pires Wynne, Bonifácio Fortes, Manuel Cabral Machado, Carvalho Deda, Garcia Moreno, Severino Uchoa e vários outros comporiam o repertório historiográfico desse período.

2. HISTORIOGRAFIA SERGIPANA APÓS 1970

O texto de Calazans serviu como um mapa das lacunas historiográficas locais, visto que traz divisões temáticas sobre o tipo de produção. Ao passo que a questão dos limites entre Sergipe e Bahia, a história dos municípios, as biografias, os livros didáticos e a formação étnica foram, para o autor, satisfatoriamente contemplados, campos como a economia, a formação social, a cultura e alguns pontos da história política apresentavam pouco aprofundamento dos estudiosos sergipanos. Em seu texto *Diálogos com Calasans: a historiografia sobre Sergipe nos últimos 30 anos*, Itamar Freitas (2007) apresenta uma revisão bibliográfica das produções historiográficas sergipanas publicadas após o estudo de José Calasans, dividindo-as de acordo com os temas que, para o autor, foram pouco pesquisados.

Após a década de 1970, no âmbito da economia, surgem estudos no Departamento de História da UFS, que depois passariam para o Departamento de Economia a partir dos anos noventa. No DHI, os trabalhos de Maria da Glória Santana Almeida, Lenalda Andrade Santos, Adelci Figueiredo Santos, Diana Maria de Faro Leal, Milton de Araújo e Sônia Maria Soares Batista abordaram a aspectos econômicos específicos de Sergipe. Apesar de trabalhos de síntese, como os de Ibarê Dantas, Terezinha Oliva e Maria Thétis Nunes, sobre a história sergipana trouxessem o tema da economia, somente no Departamento de Economia é que serão realizados trabalhos sobre a história geral de economia sergipana, como os de Josué Modesto dos Passos Subrinho, Antônio José Nascimento e Ricardo Lacerda.

No âmbito social, surgem estudos de caráter sociológico dos autores Ariosvaldo Figueiredo, Orlando Dantas, Beatriz Góis Dantas, Francisco Carlos Teixeira da Silva, Lourival Santana Santos, Rosemiro Magno da Silva, Eliano Sérgio Azevedo Lopes, Maria Neli Santos, Antônio Fernando de Araújo Sá e Antônio Lindvaldo Souza, versando sobre, por exemplo, a escravidão em terras sergipanas, a questão do indígena e do negro, a reforma agrária e realidade camponesa, a vivência no sertão do São Francisco, as revoltas de escravos, as campanhas

abolicionistas, as lutas pela terra, os problemas sanitários e as políticas públicas e a ineficiência do aparato legal no controle da ordem pública em Sergipe.

Em relação à história política, Maria Thétis Nunes envereda o período colonial, pouco estudado à época de Calasans, além de se debruçar sobre as vivências do Império; Padre Aurélio Vasconcelos de Almeida contribuirá com um trabalho sobre a evolução da política partidária sergipana entre 1830 e 1853; Lourival Santana Santos revisitará a implantação da República e Terezinha Oliva estudará a Revolta de Fausto Cardoso; Ibarê Dantas trará contribuições ao estudo do Tenentismo, da Revolução de 1930, do coronelismo e dos partidos políticos em Sergipe; por fim, Antônio Carlos dos Santos e Frederico Lisboa Romão dissertariam sobre coronelismo e sindicalismo.

Com a advento dos métodos antropológicos ao estudo da história, a historiografia cultural apresentou um vasto leque de produções. Em relação à literatura local, Jackson de Silva Lima foi o grande destaque, enquanto a produção teatral contou com trabalhos de Isaac Enéias Galvão e Sueli Carvalho. Sobre música, estudaram Antônio Alves do Amaral, Wellington dos Santos, Ivete Eça da Conceição e Leosírio Guimarães, ao passo que sobre dança contribuíram Dorinha Teixeira Machado e Ana Conceição Sobral de Carvalho. Acerca do cinema, Ivan Valença, Sueli Bispo da Silva e Djaldino Mota Moreno trouxeram importantes análises; Dilton Cândido Maynard estudou sobre o rádio e músicos populares, enquanto Verônica Maria Meneses Munes, Maria Lúcia de Carvalho Leite, José Anderson do Nascimento, Kátia Loureiro e Rogério Freire da Graça estudaram sobre arquitetura ou patrimônio edificado. Em relação à educação, Jorge Carvalho do Nascimento fez um panorama dos estudos históricos sobre o tema. As instituições religiosas e fraternais foram foco de pesquisas de Francisco José Alves e Péricles Andrade Júnior, enquanto Jônatas Silva Meneses, Clésia Oliveira Caetano Santos, Ester Vilas Boas e Edvar Freire abordaram as práticas protestantes, Beatriz Góis Dantas e Janaína Couvo estudaram as religiões afro-brasileiras e José Anderson do Nascimento versou sobre os espíritas. As ações da população em relação a epidemias foi alvo dos estudos de Amâncio Cardoso, Terezinha Oliva e Milton Barbosa, ao mesmo tempo em que as manifestações culturais populares foram vistas como especialista como José Calazans, Beatriz Góis Dantas, Paulo de Carvalho Neto, Luiz Antônio Barreto, Jackson da Silva Lima, Aglaé Fontes de Alencar e Núbia Marques. Os estudos sobre folclore e culturas populares ganharam força entre os anos setenta e oitenta com a *Revista Sergipana de Floclore*, a Campanha em defesa do Folclore Brasileiro, o Encontro Cultural de Laranjeiras, o Festival de Arte de São Cristóvão e a criação das secretarias e fundações municipais e estaduais para o fomento da cultura.

3. A HISTORIOGRAFIA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFS

Surgido em 1972, o DHI foi responsável por lançar importantes contribuições à historiografia sergipana, como *O Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe* (1972) e *Heurística e a História de Sergipe* (1976) de José Silvério Leite Fontes; *Introdução ao estudo da historiografia sergipana* (1972) de José Calazans; *Silvio Romero e Manuel Bonfim, pioneiro de uma ideologia nacional* (1972) de Maria Thétis Nunes; *Camponeses e criadores na formação social da miséria em Porto da Folha no sertão do São Francisco (1820-1920)* (1981) de Francisco Carlos Teixeira da Silva; *Da Educação à Revolução: Radicalismo republicano em Manoel Bomfim* (1991) de José Maria de Oliveira Silva; *Identidade Nacional e Manoel Bomfim. Sua contribuição* (1995) de Claudefranklin Monteiro Santos; *A escrita histórica de Sebrão Sobrinho: Uma análise de laudas da história de Aracaju* (1996) e *A Escrita da História na “Casa de Sergipe” (1913-1999)* (2000) de Itamar Freitas; *Maria Thétis Nunes: Uma contribuição para a historiografia sergipana* (1997) de Norberto Rocha de Oliveira; *Histórias dos municípios sergipanos: uma análise historiográfica* (1997) de Itamar Freitas, Péricles de Moraes Júnior Andrade e Elisandra Silva Santos; *“A Marcha da Civilização”: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire* (1998) de Francisco José Alves; *José Silvério Leite Fontes. Uma contribuição para a historiografia sergipana* (1998) de Ademir Pinto de Meneses; *O Beneditino Pesquisador: a contribuição de Epifânio Dória à historiografia sergipana* (1998), de Dilton Cândido Maynard; *“O Senhor da Velha Guarda”: notas acerca do pensamento historiográfico de José Calazans* (1999) de Carlos Antônio dos Santos; *A “República da Letras” em Sergipe (1889 – 1930)* (2001) de Cristiane Vitória de Souza; *A Historiografia de Francisco Antônio de Carvalho Lima Júnior: Introdução e Antologia* (2002) de José Wilson Moura Santos; *Breve história do I Congresso de História e Geografia de Sergipe (Aracaju 1942/1946)* (2005) de Rita Leita Cardoso; *Sob o Guia da História: dez discursos de Felisbello Freire na Câmara Federal* (2005) de Evilson Nunes; *Simplemente Um Obscuro Intelectual Sergipano: Escritos Sobre a Vida Íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)* (2005) de Isabela Costa Chizolini; *O que dizem as cartas? Formação e Consolidação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe a Partir de Uma análise de Correspondência de Epifânio Doria na Década de 1930* (2005) de Polyana Aragão Menezes Oliveira; *A Obra Histórica de Acrísio Torres Araújo: Uma Leitura da “Pequena História de Sergipe”* (2007) de Uilder do Espírito Santo Celestino; *A Escrita da História de Severiano*

Cardoso no entardecer do Século XIX (2007) de Maria Fernanda dos Santos; *As representações da história na literatura de cordel (um cordelista chamado Zé Antônio)* (2007) de Ítalo Elmo dos Santos Rodrigues; e *O Discurso Historiográfico de Francisco Iglesias em Historiadores do Brasil* (2007) de Saullo Guedes Resende (SÁ, 2008).

Os textos sobre a história da historiografia sergipana aqui citados foram escritos antes de 2008, de forma que não há uma sistematização sobre as produções historiográficas do DHI surgidas a partir de 2010. A fim de iniciar tal discussão, serão listados a seguir os trabalhos encontrados no Repositório Institucional da UFS que abordam temáticas da história e historiografia sergipana. A pesquisa observou os documentos associados ao Departamento de História, fazendo uma análise de títulos e palavras-chave para determinação de adequação à temática aqui referida, devido às possíveis inexatidões da pesquisa virtual por meio de termos específicos. Além disso, para fazer um levantamento mais exato das teses de mestrado, utilizado como base de dados a listagem feita no portal do Programa de Pós-Graduação em História da UFS.

4. TESES E DISSERTAÇÕES DO PROHIS

O Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe foi aprovado durante a 132ª Reunião do Conselho Técnico Consultivo de Educação Superior da CAPES, em dezembro de 2011. Primeiro curso de mestrado em História do estado, é coordenado pelos docentes Edna Maria Matos Antônio e Fabio Maza, e conta com duas linhas de pesquisa: Cultura, Memória & identidade e Relações sociais & Poder (APRESENTAÇÃO, c2009-2021).

Os primeiros trabalhos foram apresentados no ano de 2014 e, segundo listagem do site do PROHIS, totalizam 87 produções até o ano de 2020. Destas, a maior parte aborda a história sergipana: 46. A abordagem cultural é mais constante, destacando-se as representações e discursos veiculados na imprensa sergipana, as vivências espirituais e religiosas e os costumes do passado sergipano. No campo da história social, fazem-se presentes questões relativas à população negra e os embates político-ideológicos no campo da cultura. Chamam atenção a abordagem de trabalhos como *"Da arte de curar à prisão de um ocultista...": ocultismo, magia e ciência em Aracaju, SE (1923-1928)* (2014), de Daiane de Jesus Oliveira; *Ditadura, Política e Censura: Gazeta de Sergipe e Rádio Liberdade (1964-1969)* (2015), de Carla Darlem Silva dos Reis; *História e Cultura Afro-Brasileira em Sergipe: Antecedentes da Lei 10639/03 (1980-2003)* (2015), de Denise Maria de Souza Bispo; *"Ô levanta nego, cativo se acabou":*

experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900) (2016), de Edvaldo Alves de Souza Neto; *"O sagrado direito de liberdade": Experiências de escravos e escravas nos Tribunais da Comarca de Estância/Sergipe (1871-1888)* (2017), de Moisés Augustinho dos Santos; *As práticas amorosas e normas socioculturais nas narrativas epistolares de Emilia e Joaquim Fontes (1890-1895)* (2017), de Joelma Dias Matias; *1964 em Sergipe: Golpe civil-militar, protestantismo e a Cruzada Cristo Esperança Nossa* (2017), de Ermerson Porto Santos; *Mulheres negras nas comarcas sergipanas (1888-1940): gênero, "raça" e classe* (2018), de Selma Silva Santos; *Riqueza e Sociedade na Comarca de Aracaju: um estudo sobre a dinâmica familiar da primeira elite de Aracaju (1855-1889)* (2018), de Bruna Morrana dos Santos; *"Em nome da Santíssima Trindade encomendo a minha alma": Morrer na cidade de São Cristóvão/SE (1864-1886)* (2019), de Marcia Oliveira Gama; *Guitarras elétricas, cabeludos, transviados e iê-iê-iê: Aracaju no embalo da Jovem Guarda (1965-1969)* (2019), de Wilian Siqueira Santos Gomes; *Entre Traços e Contextos: As charges de José Carvalho Déda no jornal A Semana (1959-1968)* (2020), de Amanda de Oliveira Santos; e *Em busca da liberdade: memória do Movimento Feminino pela Anistia em Sergipe (1975-1979)* (2020), de Maria Aline Matos de Oliveira. Nota-se uma predominância de recorte temporal contemporâneo, localizado principalmente no século XX, seguido da presença de temáticas situadas na segunda metade do século XIX.

5. TRABALHOS ACADÊMICOS DO DHI NA DÉCADA DE 2010

Tendo em vista que a elaboração de um trabalho de conclusão de curso é obrigatória para se obter o diploma no curso de Licenciatura em História da UFS, a ocorrência de artigos e monografias nesse intuito é grande e ininterrupta. No Repositório Institucional da UFS, encontram-se somente produções do período entre 2014 e 2019, que totalizam 176 documentos. Destes, assim como no caso das teses de mestrado, a ocorrência mais frequente é de trabalhos sobre Sergipe: 98. Também se nota uma presença mais frequente das abordagens da história cultural e social, além de alguns trabalhos sobre a educação e a prática didática local. A presença de produções que trabalham questões relacionadas a minorias sociais faz-se bastante presente, da mesma forma que a utilização de jornais como fontes históricas é bastante frequente. Os trabalhos estão mais voltados ao estudo de acontecimentos e dinâmicas históricas ocorridos a partir do século XX, muitas vezes estendendo-se aos dias atuais. Há incursões no Sergipe do século XIX e na historiografia local, mas com reduzida frequência. A questão negra, a análise discursiva, os embates de memória, o impacto da modernidade, as manifestações culturais de

grupos sociais, as dinâmicas de poder, as relações em momento de guerra ou opressão, esses são temas bastante presentes nos trabalhos encontrados durante a pesquisa.

Chamam destaque as seguintes produções: *Representações da ditadura militar brasileira nos livros didáticos de história das escolas públicas sergipanas: (2010 - 2014)* (2015), de Diego Vinicius Santos Nascimento; *Em busca da liberdade: memória do movimento feminista pela anistia em Sergipe (1975 - 1979)* (2016), de Maria Aline Matos de Oliveira; *Conexão africana: fragmentos da vida do africano Caetano Ponciano dos Santos no pós-abolição em Sergipe* (2016), de Flávio Santos Nascimento; *Modernidade periférica: signos da modernidade na Aracaju no início do século XX* (2016), de Glauco Moura Santos; *A energia elétrica na cidade de Aracaju nas primeiras décadas do Séc. XX* (2016), de Fabricio Cardoso Noia da Silva; *Os primórdios do movimento hip hop em Aracaju* (2016), de Marcos Vinicius Santos da Silva; *Um quê de negritude: uma página na história do teatro negro sergipano* (2017), de Thamyres Suélem Sobral Lopes; *Uma fonte para a história do protestantismo em Sergipe: o primeiro livro de atas da Igreja Batista da Fé - Japarutuba/SE (1973 – 1986)* (2017), de Felipe Ferreira Nascimento Santos; *A imagem da mulher aracajuana na percepção do jornal Correio de Aracaju na Belle Époque (1906 – 1930)* (2017), de Valdeiza Alves dos Santos; *O morador de rua em foco: 50 matérias dos jornais sergipanos* (2017), de Thiago Vieira Alexandre; *Aspectos da escravidão urbana no Sergipe oitocentista: mercado, conflitos e poder local. (1850-1870)* (2017), de Denilza Viana de Almeida; *“Deus, pátria e família”: edição e análise de discursos manuscritos de integralistas de Sergipe (década de 1930)* (2018), de Thauan Santana Fonseca; *As famílias fundadoras de Aracaju (1853 - 1870)* (2018), de Débora Evelin Santos Rodrigues; e *A Segunda Guerra Mundial e o cotidiano de Aracaju: uma análise pela ótica dos jornais. (1942-1944)* (2018), de Ana Carla Cunha da Silva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As demandas historiográficas se modificam, e isso é percebido quando se estuda a história da historiografia. No caso de Sergipe, nota-se a urgência pela abordagem de temáticas relacionadas a pautas identitárias, num resgate da narrativa histórica por parte de grupos vulneráveis e minorais sociais, e à contemporaneidade, numa tentativa de compreender um passado recente que se desvela aos olhos de uma nova geração de historiadores de forma mais misteriosa e intrigante que o passado anterior. Vê-se um movimento de autoidentificação e compreensão do mundo recente no estudo da História, dado que o mundo pós-moderno traz

ressignificações profundas à realidade social e à necessidade de posicionamento dentro de um contexto amplo.

Há uma expansão notável dos tipos de fontes utilizadas na pesquisa histórica, na qual folhetins e jornais independentes, assim como cartazes, músicas, produções literárias, fotografias e registros orais assumem posição de importância cada vez maior no contexto da pesquisa histórica. Outros tipos de documento, como o fílmico e o pictórico, não se fazem muito presentes na historiografia sergipana, mas despontam como possibilidades palpáveis à construção do fazer historiográfico. Além disso, o enfoque em representações culturais modernas evidencia um movimento de encontro da cultura sergipana com um contexto mais amplo, inserindo o estado e suas manifestações culturais no âmbito da cultura globalizada.

A pesquisa aqui apresentada é insuficiente, de forma que uma análise mais atenta às produções realizadas no Departamento de História da UFS pode revelar de forma mais firme uma nova tendência da historiografia local. A nova geração de historiadores, inserida num mundo guiado pela cibercultura e pela globalização, está apta a trilhar por novos caminhos, adentrando em campos ainda não vasculhados. Além disso, posto que os anos finais da década de 2010 trouxeram momentos históricos inegavelmente marcantes nos contextos nacional e mundial, há uma grande possibilidade que as produções historiográficas da próxima década e adiante abordem essa relação da sociedade sergipana com o contexto político e sanitário vivenciados nesse fim de década. O futuro nos confirmará.

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO. **PROHIS – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe**. 2009-2021. Disponível em: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?lc=pt_br&id=735. Acesso em: 9 fev. 2021.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DANTAS, Ibarê. A trajetória da Casa de Sergipe: 100 anos. *In*: ALBUQUERQUE, Samuel B. de M.; SANTOS, Magno Francisco de J. e SANTOS, Ane Luíse Mecnas (Orgs.). **História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe**. Aracaju: IHGSE, 2014.

FREITAS, Itamar. **A Escrita da História da Casa de Sergipe (1913/1999)**. São Cristóvão: EDUFS, 2002.

FREITAS, Itamar. Diálogos com Calasans: a historiografia sobre Sergipe nos últimos 30 anos. *In: **Historiografia Sergipana***. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007. p. 35-56.

FREITAS, Itamar. Indicadores da nova historiografia sergipana. *In: **Historiografia Sergipana***. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007. p. 65-68.

LACOMBA, Juan Antonio. La historia local y su importancia. *In: CONGRESSO DE HISTORIA DE LINARES, 1., 2008, Linares, ES. **Actas I Congresso de Historia de Linares***. Linares, ES: Fundación Dialnet, 2012. p. 455-470.

REIS, José Carlos. **Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. História da historiografia de/em Sergipe (1972-2007). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 37, p. 15-26, 2008. Disponível em: <http://www.ihgse.org.br/revistas/37.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2021.

SILVA, José Calasans Brandão da. Introdução aos estudos da historiografia sergipana. *In: **Aracaju e outros Temas Sergipanos***. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1992, p. 5-38.